

**FREDERICO I *BARBAROSSA* OU DO IMPERADOR QUE RETORNARÁ: A
RECEPÇÃO DO MEDIEVO EM TERRAS GERMÂNICAS NO LONGO
SÉCULO XIX**

**FRIEDRICH I *BARBAROSSA* OR ABOUT THE RETURNING EMPEROR:
THE MEDIEVAL RECEPTION IN GERMANIC LANDS IN THE LONG 19th
CENTURY**

Daniele Gallindo Gonçalves Silva
Vinicius Cesar Dreger de Araujo

Resumo: À luz do conceito de mito político, esse artigo propõe discutir a relação estabelecida entre a figura de Frederico I *Barbarossa* e suas releituras no longo século XIX em território alemão. Para tanto, lançaremos mão da análise comparada de imagens, documentos políticos, poemas e narrativas com a finalidade de compreender como essa figura foi remitificada nesse século.

Palavras-chave: Mito; Recepção do medievo; Frederico I *Barbarossa*.

Abstract: Considering the concept of political myth, this paper aims to discuss the relationship established between the figure Friedrich I *Barbarossa* and its readings in the long 19th century in Germany. Thus, it intends to use a comparative analysis of images, political documents, poems and narratives in order to understand how this figure was remythified in that century.

Keywords: Myth; Medieval Reception; Friedrich I *Barbarossa*

Recebido em: 02/07/2014
Aprovado em: 25/08/2014

Introdução

Pensar as releituras do medievo pelos séculos posteriores implica, antes de mais nada compreender o conceito de recepção. Como proposto por Rolf Köhn: “Em seu sentido amplo, o conceito de recepção significa (...) não somente percepção e representação da história, mas também discussão e apropriação ou rejeição, portanto, toda mediação e apresentação do passado”.¹

Sendo assim essa noção engloba tanto as positavações quanto as negativas propostas por essas releituras. Ao pensarmos as releituras de matérias medievais durante os séculos XIX e XX precisamos considerar regimes de saber e poder em vigor para alcançarmos uma melhor compreensão dessas reinterpretações. Nas artes, na literatura, na música, foram relidos vários aspectos do medievo seja a figura de reis, de mitos, até noções político-econômicas que acabaram por servir ideologicamente aqueles que as retomaram.

Destarte, o artigo aqui proposto focará na construção discursiva medieval acerca da figura de Frederico I *Barbarossa*, imperador do Sacro Império de 1152 a 1190, a fim de compreender como em um período posterior da História, o assim chamado “longo século XIX”,² essa imagem foi reinterpreta e utilizada ideologicamente para justificar políticas culturais e bélicas. Todavia, torna-se necessária, *a priori*, uma pequena introdução acerca do poder dos mitos nacionais e suas construções.

¹ “In seiner allgemeinen Bedeutung bezeichnet der Begriff ‚Rezeption‘ (...) nicht nur Wahrnehmung und Darstellung von Geschichte, sondern auch Auseinandersetzung und Aneignung oder Ablehnung, demnach jede Vermittlung und Vergegenwärtigung von Vergangenheit”, KÖHN, Rolf. Was ist und soll eine Geschichte der Mittelalterrezeption? Thesen eines Historikers. In: BURG, Irene et alii. (org.) *Mittelalter-Rezeption IV: Medien, Politik, Ideologie, Ökonomie*. Göttingen: Kümmerle Verlag, 1991, p. 407-431, aqui: p. 409.

² Devido a se tratar de um artigo, há uma impossibilidade de darmos conta de toda a produção em torno do mito *Barbarossa* no período definido. Desta forma, selecionamos a documentação de acordo com nosso interesse em demonstrar a construção do discurso de um mito político. Para uma análise mais completa da leitura mito *Barbarossa* durante o século XIX recomendamos a leitura de: KAUL, Camilla G. *Friedrich Barbarossa im Kyffhäuser. Bilder eines nationalen Mythos im 19. Jahrhundert*. Köln: Böhlau, 2007. Quanto à ideia de um longo século XIX ela foi compartilhada por uma série de autores de diversos matizes e nacionalidades, como Eric Hobsbawm (na *Tetralogia das Eras*), Arno Mayer (MAYER, Arno. *A Força da Tradição: A persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e mesmo Henry Kissinger (KISSINGER, Henry. *Um mundo restaurado: Metternich, Castlereagh e os problemas da paz, 1812-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973), que destacam uma continuidade temática entre o período revolucionário francês de fins do século XVIII até o período da Primeira Guerra Mundial, que comporia o assim chamado Longo Século XIX.

1. Mitos políticos/nacionais

Ao propor uma leitura acerca dos mitos alemães, Herfried Münkler defende que os mitos políticos “são a base narrativa da ordem simbólica de essência coletiva, que deve ser especialmente levada em consideração, quando o simbolismo não mais se revela ou quando é necessário alterá-los”.³ Desta forma, é através da mitificação política que ocorre uma ressignificação do material originário, criando-se, portanto, uma nova ordem simbólica que se torna reconhecida como uma matéria coletiva. Neste sentido, Luis Felipe Miguel conclui que, no que tange ao mito político, pode-se falar de uma dupla origem:

Ele é fruto, menos ou mais refletido, de uma estratégia política. O emissor do discurso o escolhe confiando em sua utilidade. Mas não é correto reduzi-lo à “demagogia”, e não apenas porque não é necessário (embora seja possível) que seu veiculador o vivencie como “mistificação”. O mito é também um produto coletivo.⁴

Para pensarmos, então, as releituras pós-medievais acerca da figura do *Barbarossa* devemos primeiramente conhecer as origens medievais desse mito e seus desenvolvimentos.

2. De Frederico a Frederico: A construção de um mito, passo a passo.

É indubitável que a figura do *Barbarossa* se enquadra entre aquelas dos soberanos medievais cujas personalidades carismáticas não apenas suscitaram fortes impressões em seus contemporâneos, como se mantiveram constantemente vivas na imaginação de épocas posteriores. Seu longo reinado (1152-1190) se desenrolou em um período de intensas transformações e polarizou a imaginação, tanto de partidários quanto de detratores, como sumarizado a seguir.

O primeiro autor a apresentar este fascínio, foi seu tio, o bispo e cronista Otto de Freising, que veio a reverter o profundo pessimismo presente em sua *Chronica sive Historia de Duabus Civitatibus* (c.1150), substituindo-o por um entusiasmado otimismo na *Gesta Friderici imperatoris* (1156-1160), na qual Frederico é apresentado como o *Princeps pacis*, senhor da paz augustana e renovador do Império. Já Gerhoh de Reichersberg, ativo defensor do Papado reformado, passou a

³ “sind die narrative Grundlage der symbolischen Ordnung eines Gemeinwesens, die insbesondere dann in Anspruch genommen werden muss, wenn sich Symbolik nicht mehr erschließen oder wenn es gilt, sie zu verändern”, MÜNKLER, Herfried. *Die Deutschen und ihre Mythen*. Berlin: Rowohlt, 2011, p. 15-16.

⁴ MIGUEL, Luis Felipe. Em Torno do Conceito de Mito Político. In: *Dados*, v. 41, n. 3, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300005&lng=en&nrm=iso Acessado em 20/12/2013.

expressar uma inédita intensidade a favor dos direitos do Império após impressionar-se com o novo monarca.⁵

O clérigo e notário imperial Godofredo de Viterbo se dedicou, entre 1183 e 1190, a criar uma nova legitimidade histórica dedicada ao *Barbarossa*, a ponto de afirmar que a presença deste imperador adiava o fim do mundo.⁶ Outro notário, o anônimo conhecido como Arquipoeta de Colônia, definiu-lhe como *Mundi domine*, em encomiástico poema.⁷

O *Ludus de Antichristo*, elaborado por anônimo monge da abadia de Tegernsee, embora não o nomeie na obra, deixa subentendido que Frederico era o modelo para a figura do Imperador dos Últimos Dias, o principal antagonista do Anticristo na peça.⁸ Outro texto anônimo, a assim chamada *Carta do Preste João das Índias* (provavelmente produzida pela Chancelaria Imperial), que também não menciona o nome do monarca germânico, lhe louvou por meio do contraste, ao rebaixar a autoridade do imperador bizantino Manuel Comneno.

Seu vigor guerreiro, demonstrado nas muitas campanhas que travou na Itália, foi laudado tanto pelo anônimo de Bérgamo, compositor do *Carmen de gestis Friderici imperatoris in Lombardia*,⁹ quanto pelo poeta Gunther de Paris em seu épico *Ligurinus*.¹⁰

O cardeal Boso, compositor do *Liber Pontificalis*, o representa como um perseguidor da Igreja, “um precursor do Anticristo”,¹¹ opinião partilhada por Arnulfo de Lisieux, que também afirmava ser intento de Frederico, a conquista e submissão dos reis e príncipes da Cristandade.¹² João de Salisbury classificou-o

⁵ MEUTHEN, E. Der Geschichtssymbolismus Gerhohs von Reichersberg. In: LAMMERS, Walther (org.). *Geschichtedenken und Geschichtsbild im Mittelalter*. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1965, p. 223-225.

⁶ *Speculum Regum*, MGH SS 22, Hannover, 1872, p.131

⁷ ADCOCK, Fleur (ed. e trad.). *Hugh Primas and the Archpoet*. Cambridge: CUP, 1994, p. 106.

⁸ ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. O *Ludus de Antichristo* e o drama da escatologia imperial no século XII. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, 17, 2014, p. 22. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23544/12737> acessado em 01/06/2014.

⁹ CARSON, Thomas (ed. e trad.). *Barbarossa in Italy – Carmen de gestis Friderici I imperatoris in Lombardia*, New York: Italica Press, 1994.

¹⁰ Disponível em http://www.documentacatholicaomnia.eu/30_10_1150-1250-Guntherus_Cistercensis_Monachus.html acessado em 24/06/2014.

¹¹ ENGELS, Odilo. Kardinal Boso als Geschichtsschreiber. In: SCHWEIGER, Georg (org.). *Konzil und Papst, Festschrift für H. Tüchle*. München, Paderborn, Wien: Schöningh, 1975, p. 147-168.

¹² Epístola 28, in: BARLOW, Frank (ed.) *The Letters of Arnulf of Lisieux*. Londres: Butler & Tanner, 1939.

como um tirano¹³ e o bizantino Ioannes Kinnamos declarou-o um usurpador da dignidade romana.¹⁴

Já Helmold de Bosau dedica a Frederico um breve encômio, no qual o definiu como um soberano superior a todos os seus predecessores.¹⁵ Gislebert de Mons louvou sua astúcia e habilidade sobre seus rivais, além de sua cavaleiresca munificência;¹⁶ o bizantino Niketas Choniates muito admirou ao imperador germânico,¹⁷ assim como Otto de St. Blasien.¹⁸ Aliás, a maioria destes últimos autores foram influenciados em suas opiniões pela liderança exercida por Frederico na Terceira Cruzada, independentemente de seu final.

De fato, a morte do imperador em 1190, não causou grande alvoroço. Ele já era um sexagenário quando partiu para um dos mais perigosos empreendimentos do período, a Cruzada. De certa forma, não se esperava que ele retornasse da jornada. Antes de partir, ele havia deixado os assuntos da Germânia e da Itália essencialmente ajustados e foi tranquilamente sucedido por seu filho, Henrique VI. Não existem registros de caos, cataclismos, terrores ou acontecimentos estranhos associados ao seu falecimento.

Nem mesmo as versões desencontradas sobre a forma de sua morte, como evidenciado na *Historia de Expeditione Friderici Imperatoris*¹⁹ (afogado ao nadar no rio Saleph) e no *Liber ad honorem Augusti*²⁰ (afogado quando atravessava o rio a cavalo), fomentaram o surgimento de relatos nos quais ainda estivesse vivo ou prestes a retornar. O fim de seu reinado foi pacífico e a passagem de poder ao sucessor, rotineira, em um reinado que poderia ser considerado como bem-sucedido.

¹³ NEDERMAN, Cary J. & CAMPBELL, Catherine. Priests, Kings, and Tyrants: Spiritual and Temporal Power in John of Salisbury's *Policraticus*. In: *Speculum*, 66, 1991, p. 572-90.

¹⁴ ALBU, Emily. Viewing Rome from the Roman Empires. In: HAMILTON, Louis I. & RICCONI, Stefano (ed.). *Rome Re-Imagined: Twelfth-Century Jews, Christians and Muslims Encounter the Eternal City*. Leiden: Brill, 2012, p. 90.

¹⁵ *Chronica Slavorum*, MGH SRG 14, Hannover, 1868, p. 109-110.

¹⁶ GISLEBERT OF MONS (trad. Laura Napran). *Chronicle of Hainaut*. Woodbridge: Boydell, 2005, p. 54-5.

¹⁷ NIKETAS CHONIATES (trad. Harry J. Magoulias). *The City of Byzantium - Annals of Niketas Choniates*. Detroit: Wayne State University Press, 1984, p. 229.

¹⁸ OTTONIS DE SANCTO BLASIO. *Chronica*, MGH SRG in usum Scholarum, Hannover, 1912, p. 51-53.

¹⁹ In: LOUD, Graham A. (trad.). *The crusade of Frederick Barbarossa – The History of the Expedition of the Emperor Frederick and Related Texts*. Aldershot: Ashgate, 2010.

²⁰ PETRUS DE EBULO. *Liber ad honorem Augusti*. Tradução de KÖLZER, Theo & STÄHLI, Marlis. Sigmaringen: Thorbecke, 1994.



Friedrich I Barbarossa afogando-se no Rio Salef, de um manuscrito da Sachsenweltchronik, s.XV.²¹



A morte de Friedrich I no Liber ad honorem Augusti, fl. 107r (terço central), Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern²²

²¹ In: MADDEN, Thomas F. (ed.). *Crusades: The Illustrated History*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004, p. 84.

²² In: KÖLZER, Theo & STHALI, Marlis. *Petrus de Ebulo Liber ad honorem Augusti sive de rebus Siculis – Eine Bilderchronik der Stauferzeit aus der Burgerbibliothek Bern*. Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1994, p. 83.

Assim, onde poderíamos procurar as origens medievais desta lenda e seus desenvolvimentos subsequentes? Ao que tudo indica, nas profecias e visões que circularam a partir do falecimento de Frederico II, o *Stupor mundi et immutator mirabilis*, neto do *Barbarossa*.

Quando Frederico II morreu subitamente a 13 de dezembro de 1250, tinha a seu lado Manfredo, seu filho natural e regente para a Sicília, cujas palavras, em uma carta para Conrado IV, seu irmão e rei da Germânia, expressam concisamente a visão Hohenstaufen dos feitos do imperador: “O sol da Justiça se pôs, o artífice da Paz se foi”.²³ Isso se deu em meio a um titânico embate do imperador contra o Papado pelo controle da Itália.

Uma disputa tão dramática que, em 1241 o Papa Gregório IX declarou Frederico II formalmente como o Anticristo e em 1245, no Concílio de Lyon, o Papa Inocêncio IV o depôs baseado nas acusações de heresia, abjuração e sacrilégio. Em 1247, antes de sua derrota no assédio de Parma, o imperador estava no controle sobre a maior parte da Itália e pretendia atacar o Papa em seu refúgio transalpino no Ródano.

Na verdade, seu sucesso nestas empreitadas era contraditoriamente desejado por um setor do clero, particularmente na Ordem Franciscana: os Joaquititas. Esses seguiam as profecias de Joaquim de Fiore, que estipulavam o surgimento de uma nova era (a do Espírito Santo) em 1260, após o reinado do Anticristo. Desta feita, a morte de Frederico II dez anos antes do esperado, frustrava a expectativa escatológica dos Joaquititas, como fica claro no testemunho do cronista franciscano Salimbene de Adam de Parma, que, assim como outros de seus correligionários, esperava que “Frederico II realizasse ainda mais males”.²⁴ Salimbene só veio a crer na morte do imperador quase um ano após o acontecido, devido a um sermão público realizado pelo Papa Inocêncio IV em Ferrara, em outubro de 1251.

Outro franciscano, Thomas de Eccleston, registrou em sua crônica o seguinte relato, alegadamente fornecido por Frei Mansueto da Castiglione Aretino, legado papal na Inglaterra em 1258:

Certo frade, estando na igreja em oração com cilício, viu que enorme exército de cinco mil cavaleiros entrava no mar. Então o mar começou a borbulhar como se todos fossem de bronze derretido. Um deles lhe

²³ ABULAFIA, David. *Frederick II – A Medieval Emperor*. Oxford: OUP, 1988, p. 407.

²⁴ LERNER, Robert E. *Frederick II, Alive, Aloft and Allayed in Franciscan-Joachite Eschatology*. In: VERBECKE, Werner, VERHELST, Daniël & WELKENHUYSEN, Andries (ed.). *The Use and Abuse of Eschatology in the Middle Ages*. Leuven: Leuven UP, 1988, p. 369.

disse que era o imperador Frederico que se dirigia ao monte Etna. De fato, Frederico morreu naquela época.²⁵

A vital conexão entre Frederico II e o monte Etna adquiriu definitivamente conotações arturianas, já que, era crença corrente na Itália do século XIII que Artur repousava em uma gruta no Etna, como atestado por Gervásio de Tilbury em seu *Otia Imperialia*, de inícios do século.²⁶ Este paralelo entre ambos os monarcas localizados no mesmo espaço permitiu que se desse o passo seguinte: assim como Artur, Frederico II vai ao Etna para repousar e um dia retornar. Contudo, seu ressurgimento assume conotações mais sombrias: retornará para retomar sua obra maligna e ser fulminado por Deus, cumprindo a profecia, bem nos moldes dados cerca de um século antes no *Ludus de Antichristo*.

Na Germânia, Frederico II não havia sido nem popular, nem tremendamente importante (só esteve efetivamente no reino entre 1212 e 1220 e em 1236-7). Sua morte súbita não causou muita impressão e não existia nenhuma razão óbvia para que tal lenda tivesse ali surgido. Contudo, como bem recorda Peter Munz, “se Frederico II, como Anticristo, era o inimigo da Igreja, ele provavelmente foi recebido por outros inimigos da Igreja como um Messias”.²⁷ Desta forma, o falecido imperador passou a ser visto como protetor de hereges (como os pertencentes à seita de Schwäbisch-Hall no século XIII, com os flagelantes de 1340 e com outras seitas de inícios do século XV), principalmente nas crônicas franciscanas, que já teriam registrado o seu retiro ao Etna e seu retorno para novas iniquidades.

Porém, esta não era a única versão das profecias em torno do *Stupor mundi*. Seus partidários passaram a circular profecias nas quais Frederico II retornaria para reformar a Igreja e, conseqüentemente, iniciar uma era dourada. Por ser um inimigo público do Papado, grupos heréticos germânicos passaram a crer que o imperador ressurreto os lideraria à vitória. Os correligionários dos Staufen não compartilhavam destas esperanças heréticas, mas, após o colapso de suas ambições com a execução de Conradino em Nápoles em 1268, estavam propensos a crer na lenda.

²⁵ THOMAS DE ECCLESTONE. *Livro da chegada dos Frades Menores à Inglaterra*. In: PINTARELLI, Ary Estêvão (trad.). *Crônicas Medievais Franciscanas – A expansão dos frades pela Europa*. Porto Alegre – Bragança Paulista: EdiPUCRS – USF, 2008, p. 137.

²⁶ GERVAIS DE TILBURY. *Le livre des merveilles: divertissement pour un empereur*. Tradução de A. DUCHESNE. Paris: Le Belles Lettres, 1992, p. 152.

²⁷ MUNZ, Peter. *Frederick Barbarossa – A study in medieval politics*. Ithaca: Cornell UP, 1969, p. 08.

É notável o espectro de ações esperadas do monarca retornado. Segundo a listagem compilada por Johannes de Winterthur em seu *Chronicon a Friderico II Imperatore ad annum 1348*,²⁸ esperava-se que ele perseguisse os maus clérigos e reformasse a Igreja corrupta; redistribuísse as riquezas ao forçar os ricos a desposarem os pobres, protegesse as viúvas e os órfãos: que ele encontraria maridos para as freiras e beguinias e forçaria os monges a esconder suas tonsuras com esterco. Ele baniria os monges e, após a restauração plena de seu império, finalmente viajaria ao Monte das Oliveiras em Jerusalém, onde depositaria suas insígnias imperiais aos pés de uma árvore ressequida e estéril, causando o reflorescimento desta, em clara consonância com as ações atribuídas ao Imperador dos Últimos Dias, um dos protagonistas do já mencionado *Ludus de Antichristo*.

Ao que tudo indica, em fins do século XIII coalesceram as profecias concernentes a Frederico II (que, efetivamente havia ido ao Oriente e reconquistado Jerusalém para a Cristandade e onde foi coroado rei), as antigas profecias relativas ao Último Imperador e sua conexão com o *topos* do monarca retornante.

As preocupações sociais presentes na listagem compilada por Johannes de Winterthur indicam que este retorno fosse mais valorizado por elementos de categorias sociais mais baixas em geral. Isso ficou explícito no período das revoltas camponesas do Movimento *Bundschuh* (ocorridas entre 1493 e 1517). O assim chamado *Volksbuch* do imperador Frederico, publicado inicialmente em 1519 diz que, quando o imperador assediou Jerusalém, a cidade foi tomada após dez dias de combates, através dos esforços do filho de um moleiro bávaro, que trazia consigo a bandeira do movimento. E durante a grande revolta camponesa de 1525, os camponeses turíngios se congregaram no sopé do monte Kyffhäuser que, neste momento, já estava associado com o local de repouso do imperador.

Este exército camponês foi destruído na batalha de Frankenhäusen; contudo, mesmo após o combate, se acreditava na região que em uma Sexta-Feira Santa, uma assembleia camponesa ocorreria no Kyffhäuser e que o Imperador Frederico seria ressuscitado e se vingaria do sangue inocente derramado em Frankenhäusen.²⁹ É impossível sabermos se os camponeses ali se reuniram espontaneamente devido à lenda

²⁸ MGH, SRG, Berlin, 1955, p. 280.

²⁹ MUNZ, 1969, p. 10.

ou se, seu líder, Thomas Müntzer, conhecendo a lenda, escolheu o Kyffhäuser. Qualquer que seja a resposta é indubitável que a lenda exerceu um papel interessante no imaginário dos camponeses revoltosos deste período.

Por outro lado, existiam também circunstâncias políticas mais concretas que favoreceram o desenvolvimento da lenda na Germânia. Entre 1257 e 1323, viveu justamente na Turíngia, um neto de Frederico II, Frederico der *Freidige* (o Bravo), margrave de Meissen, último herdeiro masculino legítimo dos Hohenstaufen. Ainda em sua vida houve a veiculação de que ele seria o terceiro imperador Frederico e com ele o império dos Staufen seria restaurado. Após sua morte, a lenda de que, cedo ou tarde, um Frederico retornaria e inauguraria uma era dourada, ganhou terreno. Tais histórias circularam, ao menos, até meados do século XVI. Com o passar do tempo, as profecias deixaram de se referir a Frederico *der Freidige* para se referir a Fredericos em geral, contanto que descendentes de Frederico II.

O monte Kyffhäuser possuía em seu topo ruínas de um castelo ocupado, possivelmente por ministeriais imperiais, entre meados do século XI e meados do século XIV, sendo óbvia a sua associação ao poder imperial. Quando a lenda começou a tomar corpo, já estava deserto e arruinado, o que facilitava imaginar que o imperador ali estivesse adormecido. Como bem aponta Munz: “não existe certeza sobre a data exata da localização da lenda no Kyffhäuser; mas sabe-se que esta conexão já estava bem estabelecida por volta de 1434”.³⁰

A primeira vez que Frederico *Barbarossa* foi diretamente mencionado como sujeito da lenda em um documento escrito foi em 1519, quando o assim chamado *Volksbuch* foi publicado. Ele teve ampla circulação no século XVI e teve muitas edições – contudo, como é possível que tenha bebido em tradições orais, é quase certo que mesmo antes de 1519 diversas pessoas já pensassem que o adormecido na montanha fosse o *Barbarossa*.

A partir de então, a associação com Frederico II só passou a dizer respeito a alguns antiquários, como Johann Fischart (segunda metade do século XVI) e Drautius (primeira metade do século XVII), por exemplo. Outros, já não tinham certeza: para Johannes Wolf (1600), era o eleitor Frederico da Saxônia. Johannes

³⁰ MUNZ, 1969, p. 14.

Pretorius em 1666 afirmou que fosse o imperador Frederico II mas, em 1681, atribuiu a Frederico Barbarossa. Wilhelm Ernst Tentzel, em 1689, admitiu que não tinha certeza sobre qual dos dois Fredericos estaria na montanha, opinião corroborada por Michel Behrens no início do século XVIII. Eventualmente, o filósofo e bibliotecário Gottfried Wilhelm Leibniz ficou isolado em sua certeza de que a lenda estava relacionada a Frederico II.³¹

Ao retomarmos a evidência do *Volksbuch*, devemos matizá-la por seu viés de expectativas anticlericais e milenaristas, já que o imperador retornaria para punir o clero e depôr suas imperialia frente a uma árvore seca no Monte das Oliveiras em Jerusalém, para que esta refloresça e se inicie o Fim dos Tempos. É interessante que este retorno não possui nada da tarefa de reconstruir o Império ou a Alemanha.

Após a repressão à Revolta Camponesa de 1525, pode-se constatar uma crescente falta de apelo ao mito, sendo que, como visto, sua existência foi apenas tema de discussão entre antiquários. É na passagem entre os séculos XVIII e XIX que se encontra a transição do mito para sua forma definitiva, de mito político; segundo Friz, existe um registro de 1810: durante um festival musical em Frankenhäuser, ao sopé do Kyffhäuser, o cantor turíngio Johann Albrecht Gottlieb Methfessel e alguns de seus amigos escalaram a montanha e conclamaram ao imperador Frederico *Barbarossa* que despertasse e libertasse a Alemanha do jugo Napoleônico.³² Desta crença política proto-nacionalista refletida por Methfessel, para a da restauração do Império por meio de uma unificação da Alemanha, foi um pequeno passo.

Como bem notado por Peter Munz:

Completada a desmitificação, a versão do século XIX pouco tinha em comum com a original: Friedrich Barbarossa substituiu Friedrich II e o desejo por justiça social e expectativas escatológicas foram substituídos por um programa político muito preciso.³³

³¹ KAUL, Camilla G. *Friedrich Barbarossa im Kyffhäuser: Bilder eines nationalen Mythos im 19. Jahrhundert*, Köln: Böhlau, 2007, p. 42.

³² FRIZ, Diana Maria. *Wo Barbarossa schläft - der Kyffhäuser. Der Traum vom Deutschen Reich*. Wenheim: Beltz Quadriga, 1991, p. 88. O fato também é mencionado no verbete de Methfessel na *Deutsche Biographie*, disponível em: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz62258.html>, acessado em: 10/06/2014.

³³ MUNZ, 1969, p. 18-19.

3. Construindo uma identidade nacional

Durante o século XIX, predomina no território germanófono o movimento artístico denominado Romântico. Como uma de suas características, Gerhard Kaiser aponta para uma produção literária que se volta para a “Idade Média como uma superfície de projeção crítica contemporânea”.³⁴ Rerer o medievo é antes de qualquer coisa, retomar um tempo áureo através de uma busca ideológica por uma identidade nacional, ou ainda como afirmado por Detlef Kremer, “um movimento ideológico contra uma hegemonia francesa”.³⁵ Isto levou os intelectuais românticos a lançar mão de personagens históricas, de lendas medievais e de histórias orais com a finalidade de construir as bases para a futura unificação sob Bismarck em 1871.

Tendo como base essa tentativa de construção, calcada em uma ideologia, de uma nação baseada no fomento de um passado heróico e áureo em comum, Zygmunt Baumann afirma que “para se tornar nacional, a cultura tinha primeiro de negar que fosse um projeto: precisava disfarçar-se de natureza”.³⁶ Neste disfarce da cultura como natureza, os mitos servem como ratificação e legitimação de um passado em comum e, por consequência, de uma pretensa unidade enquanto nação. Dentro dessa lógica romântica de incitar a formação de uma nação calcada não na guerra – como no caso francês –, mas sim em uma base cultural, fundamenta-se, assim, a noção de *Kulturnation* (nação cultural).³⁷ Conceito este que não foge a programática proposta por Friedrich Schlegel, no *116. Athenäum-Fragment*, da universalidade da poesia romântica e que é reforçado por Novalis (Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg), ao afirmar que essa seria a vantagem futura dos alemães sobre as outras nações.³⁸ Destarte, Stefan Laube conclui que,

A nação é um fato do pensamento, da língua e da vontade. Só quando se conscientiza, a exprime em palavras, se deseja ou fomenta, ela toma vida. A nação não é qualquer substância coletiva das profundezas da alma do povo, assim como os românticos acreditavam, citando Herder, foi muito

³⁴ “*Mittelalter als gegenwartskritische Projektionsfläche*”, KAISER, Gerhard. *Literarische Romantik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010, p. 15.

³⁵ “*nationale() ideologische() Bewegung gegen die französische Hegemonie*”, KREMER, Detlef. *Romantik. Lehrbuch Germanistik*. Weimar, Stuttgart: J. B. Metzler, 2007, p. 18.

³⁶ BAUMANN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 51.

³⁷ Maiores discussões acerca do conceito de *Kulturnation* cf. SCHULZE, Hagen. *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*. München: C. H. Beck, 2004, p. 126-150.

³⁸ NOVALIS apud. SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantik: eine deutsche Affäre*. Frankfurt am Main: Fischer, 2009, p. 176.

mais projetada por alguns poucos e inventada por intelectuais, poetas, filósofos, historiadores, filólogos e artistas.³⁹

Neste contexto, vislumbramos a primeira menção à personagem histórica medieval em questão. Composto por Joseph von Eichendorff entre os anos de 1810 e 1812, o poema *Auf einer Burg*⁴⁰ apresenta-nos a imagem de um cavaleiro adormecido em vigília, do qual, embora sentado por anos, ainda cresciam barba e cabelo. O silêncio de seu eremitério (*Klause*) – descrito quase que como uma prisão gradeada (*Gitter*) – contrasta diretamente com a natureza, que sussurra. Sua incapacidade de liderança e justiça é metaforizada na noção de petrificação e imobilidade. Um casamento dá vitalidade à inércia que impera no topo, no eremitério do cavaleiro adormecido.

Eingeschlafen auf der Lauer
Oben ist der alte Ritter;
Drüber gehen Regenschauer,
Und der Wald rauscht durch das Gitter.

Adormecido na sua vigília
lá em cima é o velho cavaleiro;
acima se movem as chuvas,
e o bosque sussurra através da grade.

Eingewachsen Bart und Haare,
Und versteinert Brust und Krause,
Sitzt er viele hundert Jahre
Oben in der stillen Klause.

Barba e cabelo crescidos em um,
peito e rufo se transformaram em pedra;
ele senta por muitas centenas de anos
acima em seu eremitério em silêncio.

Draußen ist es still und friedlich,
Alle sind ins Tal gezogen,
Waldesvögel einsam singen
In den leeren Fensterbogen.

Lá fora é calmo e tranqüilo:
todos foram levados para o vale;
pássaros cantam sozinhos
nas janelas arqueadas vazias.

Eine Hochzeit fährt da unten
Auf dem Rhein im Sonnenscheine,
Musikanten spielen munter,
Und die schöne Braut die weinet.

Um casamento passa abaixo
no Reno, à luz do sol:
músicos tocam alegremente e
e a bela noiva - ela chora.

³⁹ “Die Nation ist eine Tatsache des Denkens, der Sprache und des Willens. Erst wenn man sie sich bewusst macht, sie in Worte fasst, wünscht oder fordert, tritt sie ins Leben. Die Nation war keine kollektive Substanz aus Urtiefen der Volksseele, wie noch die Romantiker unter Berufung auf Herder glaubten, vielmehr wurde sie von Wenigen konstruiert und erfunden, von Intellektuellen, Dichtern, Philosophen, Historikern, Philologen und Künstlern.”, LAUBE, Stefan. *Nationale Identität und Erinnerung. Von imaginären Spuren zur kulturellen Einheit*. Disponível em <http://www.stefanlaube.homepage.t-online.de/NationErinnerung.pdf> Acessado em 13/11/2012.

⁴⁰ Disponível em <http://gutenberg.spiegel.de/buch/4294/92> Acessado em 19/04/2014.

A mesma figura adormecida reaparece em 1816 no conto *Friedrich Rotbart auf dem Kyffhäuser* compilado pelos irmãos Grimm.⁴¹ Agora não há mais um cavaleiro, mas a referência ao imperador é explícita. A barba que ainda cresce é um elemento que também apareceu no poema de Eichendorff. Nessa narrativa o crescimento da barba ao redor de uma mesa de pedra auxilia na contagem do tempo para o regresso do imperador, que deve dar três voltas completas ao redor da mesa para que ele possa retornar.⁴² Duas personagens – um camponês (*Bauer*) e um pastor (*Schäfer*) – são inseridos no texto, bem como uma datação (1669), com a finalidade de legitimação do ato narrativo. O camponês é testemunha ocular, pois visualiza o imperador sentado em seu trono, mas imóvel; portanto, só serve como ratificação para a existência desse mito.⁴³ Visto que a música assobiada pelo pastor agrada o imperador, este desperta e lhe pergunta se “os corvos ainda voam ao redor da montanha”.⁴⁴ Com a resposta afirmativa do pastor, o imperador conclui que ainda necessita dormir mais cem anos até seu despertar.⁴⁵ Desta forma, a figura do pastor é inserida na narrativa como um testemunho auditivo para afirmar que o imperador ainda vive, mesmo que adormecido e imóvel. Tanto o crescimento da barba quanto o vôo dos corvos ao redor da montanha são os elementos inseridos na narrativa como forma de medir o tempo para seu regresso.

No poema *Barbarossa* de Friedrich Rückert de 1817,⁴⁶ encontramos elementos já utilizados por Eichendorff e pelos irmãos Grimm, ou seja, a imagem de uma figura de poder masculina adormecida, da qual cabelos e barba continuam em crescimento. Todavia, a balada de Rückert possui, diferente dos dois textos anteriores, contornos nitidamente políticos.

⁴¹ Disponível em <http://gutenberg.spiegel.de/buch/753/13>, Acessado em 19/04/2014. Aliás, esta publicação concedeu legitimidade erudita para a versão de Friedrich *Barbarossa* no *Kyffhäuser*, ao invés de Friedrich II.

⁴² “A barba lhe cresceu, (...) que tem que dar a volta três vezes para seu despertar, agora, pois está ainda com duas voltas” (“Der Bart ist ihm groß gewachsen, (...), daß er dreimal um die Rundung reichen muß bis zu seinem Aufwachen, jetzt aber geht er erst zweimal darum.”) Ibidem.

⁴³ “Um camponês, que em 1669 carregava grãos do vilarejo de Reblingen para Nordhausen, (...). Este viu o imperador sentado, mas completamente imóvel” (“Ein Bauer, der 1669 aus dem Dorf Reblingen Korn nach Nordhausen fahren wollte, (...). Dieser sah nun den Kaiser sitzen, aber ganz unbeweglich.”) Idem.

⁴⁴ “»Fliegen die Raben noch um den Berg?« ” Ibidem.

⁴⁵ “E diante da afirmativa do pastor, ele disse: Agora tenho que dormir ainda cem anos mais” (“Und auf die Bejahung des Schäfers rief er: »Nun muß ich noch hundert Jahre länger schlafen.«”) Ibidem.

⁴⁶ Disponível em <http://freiburger-anthologie.uni-freiburg.de/fa/fa.pl?cmd=gedichte&sub=show&noheader=1&add=&id=367> Acessado em 19/04/2014.

Der alte <i>Barbarossa</i> , Der Kaiser Friederich, Im unterird'schen Schlosse Hält er verzaubert sich.	O velho <i>Barbarossa</i> O Imperador Frederico No castelo subterrâneo Ele mantém-se enfeitado.
--	--

Er ist niemals gestorben, Er lebt darin noch jetzt; Er hat im Schloß verborgen Zum Schlaf sich hingesezt.	Ele nunca morreu Ele ainda vive lá agora; Ele se escondeu no castelo Para dormir sentou-se.
--	--

Er hat hinabgenommen Des Reiches Herrlichkeit, Und wird einst wiederkommen, Mit ihr, zu seiner Zeit.	Ele tomou para baixo A glória do reino E um dia vai voltar Com ela em seu tempo.
---	---

Der Stuhl ist elfenbeinern, Darauf der Kaiser sitzt: Der Tisch ist marmelsteinern, Worauf sein Haupt er stützt. Sein Bart ist nicht von Flachse, Er ist von Feuersglut, Ist durch den Tisch gewachsen, Worauf sein Kinn ausruht.	A cadeira é de marfim, Nela, o imperador se senta A mesa é de mármore Sobre a qual apoia sua cabeça. Sua barba não é de linho, Ela é de fogo incandescente, Cresceu através da mesa, Sobre a qual repousa seu queixo.
---	--

Er nickt als wie im Traume, Sein Aug' halb offen zwinkt; Und je nach langem Raume Er einem Knaben winkt.	Ele balança a cabeça como em sonho, Seu olho semi-aberto pisca; E de tempo em tempo Ele acena a um jovem.
---	--

Er spricht im Schlaf zum Knaben: Geh hin vors Schloß, o Zwerg, Und sieh, ob noch die Raben Herfliegen um den Berg.	Ele fala em sonho para o jovem: Vá diante ao castelo, ó anão, E veja, se os corvos ainda Voam ao redor da montanha.
---	--

Und wenn die alten Raben Noch fliegen immerdar, So muß auch ich noch schlafen Verzaubert hundert Jahr.	E se os antigos corvos Ainda voam para sempre, Então, eu também preciso dormir Encantado por cem anos.
---	---

Se tanto em Eichendorff quanto nos Grimm a figura encontra-se no alto de uma montanha, em Rückert, o castelo em que habita é subterrâneo e é envolto por poderes mágicos: o imperador possui uma barba incandescente. *Barbarossa* incorpora

a esperança de renovação perante a situação política alemã, pois, ainda que liberta das forças napoleônicas, a Alemanha ainda não caminha para a unificação.⁴⁷

Do eremitério passando pelo trono na montanha chegando ao castelo suntuoso subterrâneo, *Barbarossa* começa a ser mitificado como o imperador justo que retornará ao seu tempo. O voo dos corvos ao redor da montanha colore os textos – dos Grimm e de Rückert – com um elemento mágico próprio aos augúrios populares e às narrativas mitológicas.⁴⁸ A remitificação prende-se, nesse momento, à insatisfação com a política e, desta forma, a figura incorpora esperanças concretas de melhoras.

Em 1832, Julius Schnorr von Carolsfeld, pintor alemão ligado ao movimento romântico nas artes, denominado Nazareno, retratou a morte de *Barbarossa* à luz da pintura *Deposição de Cristo* de Rafael Sanzio (1507). Na pintura de Carolsfeld foi retirado do corpo carregado, uma coroa de espinhos, que quase remete a uma auréola, e a barba recebeu o tom necessário para fazer referência direta a Frederico I, tingida de vermelho. No lugar das figuras femininas e das duas masculinas, representadas por Sanzio, foram dispostos cruzados e vassallos bem como inserida a figura de um bispo, que aparenta conceder a extrema-unção diante do corpo do imperador desfalecido. Nas duas imagens, há a representação do desespero dos envolvidos em relação aos corpos inanimados. Todavia, em Carolsfeld, a inclusão de uma maior encenação de gestos reforça a angústia e o inconformismo diante da morte do imperador. Os cenários ao fundo das duas imagens remetem diretamente às narrativas de ambas as mortes: para Cristo, a crucificação no monte do Calvário e para Frederico I, o afogamento no rio Salef (atual Goksu).

⁴⁷ Cf. MÜNKLER, Herfried. Die Wiederkehr des Kaisers. *Barbarossa* und die Erneuerung des Reichs. In: _____. *Die Deutschen und ihre Mythen*. Berlin: Rowohlt, 2011, p. 37-68, aqui: p. 47.

⁴⁸ Cf. RUMPF, Marianne. Rabe: II. Glaubenvorstellungen, literarisches und volkstümliches Gedankengut. In: *Lexikon des Mittelalters*. Vol. VII: Planudes bis Stadt (Rus⁴). München: DTV, 2003, p. 382.



Der Tod Barbarossa, Julius Schnorr von Carolsfeld, (1832)
(Schloss Cappenberg, Freiherr-vom-Stein-Saal)
(Disponível em <http://www.lwl.org/pressemitteilungen/daten/bilder/32268.jpg>)



Deposição de Cristo, Rafael Sanzio (1507)
(Galleria Borghese)
(Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Raffael_004.jpg)

Todavia, as releituras do mito em língua alemã durante o século XIX não se caracterizam unicamente pela potencialização positiva deste. Na literatura, Heinrich Heine em sua obra *Deutschland. Ein Wintermärchen* de 1844,⁴⁹ ironiza a figura mítica de *Barbarossa* do capítulo XIV ao XVII. O encontro do poeta com o

⁴⁹ HEINE, Heinrich. *Alemanha. Um conto de inverno*. Edição bilíngue. Tradução de Romero Freitas e Georg Wink. Belo Horizonte: Crisálida, 2011. Ainda que utilizemos a referida tradução para o português, há momentos em que a mesma foi adaptada por nós.

imperador se dá em um sonho. A figura mítica que Heine conheceu na infância através da ama parece retornar em seus sonhos como o grande imperador que adormecido aguarda o dia de seu retorno. Em sonho, o encontro acontece amistosamente até o poeta informá-lo dos últimos acontecimentos: ‘o poder da guilhotina’, “um novo método/ com o qual pessoas de todos os estamentos/ são levadas da vida à morte”.⁵⁰ Indignado com tal falta de respeito para com os monarcas, figuras de poder supremo, *Barbarossa* insulta o jovem poeta, que por sua vez verbaliza seus “mais secretos sentimentos”.⁵¹

“Herr Rotbart” - rief ich laut -, “du bist Ein altes Fabelwesen, Geh, leg dich schlafen, wir werden uns Auch ohne dich erlösen.	“Senhor Barba-ruiva”, eu gritei, “tu és Um antigo ser de fábula Vá, deite-se para dormir, nós nos Salvaremos também sem ti.
Die Republikaner lachen uns aus, Sehn sie an unserer Spitze So ein Gespenst mit Zepter und Kron’; Sie rissen schlechte Witze.	Os republicanos rirão de nós, Vendo à nossa frente Um fantasma com cetro e coroa Farão muita gozação.
(...)	(...)
Das Beste wäre du bliebest zu Haus, Hier in dem alten Kyffhäuser – Bedenk’ ich die Sache ganz genau, So brauchen wir keinen Kaiser.”	O melhor seria se ficasses em casa, Aqui na velha Kyffhäuser – Refletindo muito bem, Não precisamos de nenhum imperador.”

Nos versos que se seguem, Heine parece propor as pazes com o imperador, chegando ao ponto de pedir desculpas por suas duras palavras (“Perdoe-me, oh Barba-ruiva, a palavra veloz!”⁵²). Entretanto, novamente a situação política híbrida do território germânico recebe críticas severas. Como asseverado por Münkler, Heine utiliza-se do mito *Barbarossa* “para denunciar um presente mentiroso”.⁵³

⁵⁰ “... eine neue Methode,/ Womit man die Leute jeglichen Stands/ Vom Leben bringt zu Tode.”, HEINE, 2011, p. 126.

⁵¹ “die geheimsten Gedanken”, Ibid, p. 128.

⁵² “Vergib mir, o Rotbart, das rasche Wort!”, Ibid, p. 132.

⁵³ MÜNKLER, 2011, p. 51.

Das Mittelalter immerhin,
Das wahre, wie es gewesen,
Ich will es ertragen – erlöst uns nur
Von jenem Zitterwesen,

A Idade Média, pelo menos,
A verdadeira, como foi,
Eu quero suportar – salve-nos somente
De todo estado indefinido,

Von jenem Kamaschenrittertum,
Das ekelhaft ein Gemisch ist
Von gotischem Wahn und modernem Lug,
das weder Fleisch noch Fisch ist.

De toda cavalaria nova,
Que repugnantemente é uma mistura
De quimera gótica e mentira moderna
Que não é peixe nem carne.

Ao que parece, Heine adianta com sua crítica a dúvida que paira durante a Revolução de Março (*Märzrevolution*) de 1848, se o Império deveria ser restaurado ou não. Até 1871, ano da proclamação do *Reich*, a reatificação da figura do imperador parece oscilar entre a ratificação do direito ao poder de duas dinastias: se por um lado há defensores dos Hohenzollern, também encontramos partidários diretos dos Habsburgos.

Próxima à proclamação do *Reich* (18 de janeiro de 1871), foi publicado no periódico *Kladderadatsch*⁵⁴ em 11 de dezembro de 1870 um poema intitulado *Vom Teutschen Kaiser*.⁵⁵ Com a proximidade deste acontecimento o imperador deveria estar, portanto, pronto a retornar e a Alemanha em júbilo pelo seu retorno. Todavia, no poema não apresenta qualquer imagem gloriosa do imperador, havendo uma sátira às configurações políticas da época, como que em um grande deboche.

Hurrah, Germania! Nun sei
Treu, hold Ihm und gewärtig!
Hurrah, Germania! Nun ist
Der Teutsche Kaiser fertig!

Hurra, Alemanha! Seja agora
fiel, afeiçoada seja para ele e preparada!
Hurra, Alemanha! Agora está
O imperador alemão pronto!

(...)

(...)

Und all' die Poeten im Teutschen Land,
Sie dichten und reimen sich heiser;
Sie setzen aufs "Schloß den "Barbaross",
Auf den "Kyffhäuser" den "Kaiser."

E todos os poetas da terra dos teutônicos,
compõem e rimam até ficarem roucos
eles põem no 'castelo' o '*Barbarossa*'
na *Kyffhäuser*, o imperador.

⁵⁴ Fundada pelo humorista liberal David Kalisch, a revista – a primeira satírico-crítica de Berlim – foi publicada de 1848-1944. Maiores informações disponíveis em http://www.ub.uni-heidelberg.de/helios/digi/kladderadatsch_info.html

⁵⁵ Disponível em <http://diglit.ub.uni-heidelberg.de/diglit/kl1870/0493> Acessado em 19/04/2014.

No caderno extra (*Beiblatt*) desta mesma edição, um poema conclama a “última apresentação” de *Barbarossa* e solicita ao fim: “Senhores poetas, deixem o *Barbarossa* dormir”.⁵⁶ Ideias, estas, que corroboram a compreensão do poema anterior como uma grande sátira a toda a remitificação em torno da figura de *Barbarossa*, pois, finalmente, o império não estará desprovido de uma figura de poder; um imperador, mas ainda assim não é e nem será como anteriormente, bem como na crítica de Heine. Não havendo mais a necessidade, portanto, de uma figura mítica que incorporasse as esperanças da nação.

Das ward dem Alten lästig mit der Zeit,
Und er beschloß, nicht mehr herauszukommen.
Er sprach: “Mich soll nicht kümmern, was ihr schreit!”

(...)

Die kaiserlose Zeit ist endlich aus,
Die frohe Kunde schallt zu dir hernieder;
Entsteig’ dem Dunkel deines Höhlenbau’s.

Hörst du nicht tönen helle Jubellieder?
Dem Deutschen Kaiser gilt’s – nun staune du!
Die alte Pracht und Herrlichkeit kehrt wieder.” –

“Dann ist’s ja gut! Was braucht ihr mich dazu?
Ist Einer nicht genug?” – so ruft der Kaiser –
“Schockschwerenoth! Laßt endlich mich in Ruh!”

Und wieder ruhig ward es im Kyffhäuser;
Der Alte saß am Tische, es verlör
In Träumen sich sein Geist, er athmet leiser.

O velho tornou-se desagradável com o tempo,
E decidiu, não mais aparecer.
Ele disse: “Não devo me incomodar com o que vocês
gritam!”

(...)

O tempo sem imperador findou,
A boa nova chega até você,
Desça das profundezas de sua caverna.

⁵⁶ *Barbarossa*.(Letztes Auftreten.) - “Ihr Dichter, laßt den *Barbarossa* schlafen.” Disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/kla1870/0497> Acessado em 19/04/2014.

Não ouves os claros sons de júbilo?
Há um imperador alemão – surpreenda-te!
O antigo esplendor e glória retornam –

“Então está ótimo! Para que precisam de mim?
Um não é suficiente?” – assim gritou o imperador –
“Que horror! Deixem-me finalmente em paz!”

E retornou calmamente a Kyffhäuser;
O velho sentou-se à mesa, perdeu
Em sonho seu espírito, ele respira devagar.

A crítica e o entusiasmo, entretanto, aparecem lado a lado nas produções culturais da época. Em poema dedicado ao novo imperador, Felix Dahn ao denominar o imperador Wilhelm de *Barbablanca* evoca diretamente a imagem de Frederico I *Barbarossa*. No excerto a seguir,⁵⁷ Wilhelm incorpora a aura de salvador da nação, aquele capaz de restituir a glória perdida.

(...)	(...)
Heil dir, greiser Imperator, Barbablanca, Triumphator, Der du Frankreich niederzwangst Und der Krone der Germanen, Witve längst des Ruhms der Ahnen, Glanz und Schimmer neu errangst!	Salve a ti, velho imperador, Barbablanca, triunfante, Que vencestes, tu, a França E a coroa dos germanos, Viúva há tempos da glória dos antepassados, Brilho e vislumbre conquistou!
(...)	(...)
Der der Krone der Germanen, Witve lang des Ruhms der Ahnen, Du erkämpft hast neuen Glanz: Heil dir greiser Imperator, Barbablanca, Triumphator, Retter du des Vaterlands.	Que coroa dos germanos, Viúva longo de glória dos antepassados, De você ganhou novo brilho: Salve a ti, velho imperador, Barbablanca, triunfante, Tu, salvador da pátria.

Meses após a proclamação é publicada na revista *Kladderadatsch*, em 25 de junho de 1871, uma caricatura de *Barbarossa* que ecoa as duas edições mencionadas anteriormente: *Barbarossa* cerra as portas da Kyffhäuser e leva consigo os corvos que circundam a montanha, indicando que o mito precisa ser, de alguma forma, silenciado.

⁵⁷ Disponível em <http://www.zeno.org/Literatur/M/Dahn,+Felix/Gedichte/Vaterland/Heil+dem+Kaiser!>
Acessado em 20/04/2014.

Nas palavras abaixo da figura lê-se que “o velho da Kyffhäuser” (“*dem alten vom Kyffhäuser*”) tem de “retirar-se, finalmente, a tão merecida aposentadoria” (“*sich endlich in den so wohlverdienten Ruhestand zurückzuziehen*”).



Barbarossa. In: *Kladderadatsch. Humoristisch-satyrisches Wochenblatt Berlin*, 29-30, de 25 de junho de 1871 (Disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/kla1871/0281>)

Ainda que a apropriação do mito *Barbarossa* tenha sido criticada tanto por opositores à fundação do *Reich*, o auge da recepção desta remitificação no século XIX reside nas consecutivas inaugurações de monumentos que unem representações dos dois imperadores e das duas eras. De todas essas releituras destacamos:

1. *Kaiserpfalz* em Goslar, mais especificamente a pintura *Apotheose des Kaisertums* de Hermann Wislicenus de 1880, na qual estão representados todos os imperadores alemães desde Karl *der Große* até Maximilian I, ficando explícita a união entre Idade Média e o novo Império: “História passada e realização; não nova fundação, mas reestabelecimento.”⁵⁸

⁵⁸ “*Vorgeschichte und Erfüllung; nicht Neugründung, sondern Wiedererrichtung*”, MÜNKLER, 2011, p. 62.



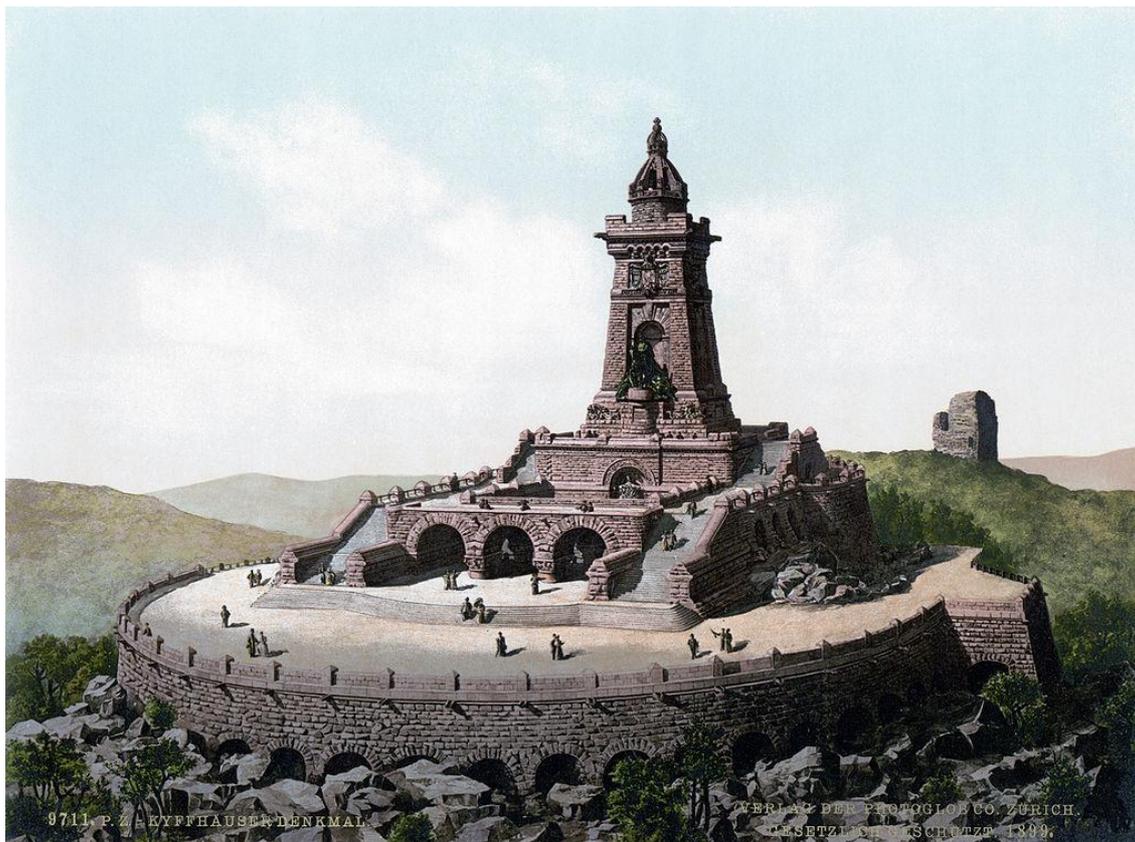
(Disponível em <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Apotheose.jpg>)

2. *Kyffhäuserdenkmal*, monumento inaugurado no ano de 1896 em homenagem ao imperador Wilhelm que traz uma releitura da imagem petrificada do imperador Frederico I sentado, prestes a se levantar de seu trono e com barba e cabelos longos. Acima desse, está representada a figura de Wilhelm montado em um cavalo.



Detalhes do monumento (também conhecido como *Barbarossadenkmal* ou *Kaiser-Wilhelm-Denkmal*, 1896)





O Kyffhäuserdenkmal em um cartão postal de 1899

(Disponível em:

http://de.wikipedia.org/wiki/Kyffh%C3%A4userdenkmal#mediaviewer/Datei:Kyffh%C3%A4userdenkmal_um_1900.jpg)

4. *Unternehmen Barbarossa*: A glória despedida do mito.

O fim do *Kaiserreich* Hohenzollern com abdicação de Wilhelm II que precedeu a rendição germânica ao fim da Primeira Guerra Mundial determinou o fim da associação entre o Império medieval e o Império contemporâneo. Como Heine havia mencionado em seu poema anteriormente citado, aos republicanos, agora de Weimar, não interessava se verem associados com tal passado.

Contudo, durante o período da ascensão e predomínio do Nacional-socialismo, houve um claro aproveitamento ideológico de personagens medievais e de uma imagética inspirada numa revisão Romântica do medievo ou, como afirmava Joseph Goebbels, “o Romantismo de Aço (*Stählernde Romantik*)”.⁵⁹

É interessante notarmos que os nazistas se apropriaram principalmente de Henrique I *der Vogler* e Otto I *der Große*, os primeiros monarcas Otônidas (sendo que

⁵⁹ HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário – Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no Terceiro Reich*. São Paulo/Campinas: Ensaio/Ed. UNICAMP, 1993, p. 15.

Heinrich Himmler nutria uma fixação doentia por Henrique I, a ponto do líder das SS crer que era a reencarnação do monarca medieval, segundo as memórias de seu médico pessoal, Felix Kersten⁶⁰), que combateram os “selvagens das estepes”, tanto eslavos quanto magiares, numa prefiguração do *Drang nach Osten* posterior, dirigido no século XII, principalmente, pelo duque da Bavária e Saxônia, Henrique *der Löwe* da linhagem dos Welf, líder dos príncipes germânicos que, na Segunda Cruzada, se recusaram a combater os infiéis na Terra Santa, preferindo combater os eslavos “pagãos” nos territórios do Mecklemburgo, da Pomerânia e Prússia. Bem como também resgataram o período de expansão medieval da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos (*Deutscherorden*) nas regiões bálticas.

É evidente que estes monarcas e príncipes medievais possuíam grande apelo para os nazistas: suas políticas de expansão sobre os territórios eslavos eram consideradas como inspiração direta para as ideias semelhantes presentes no *Mein Kampf*. De fato, o passado justificava, tal como uma espécie de destino manifesto dos alemães, o domínio sobre o leste.

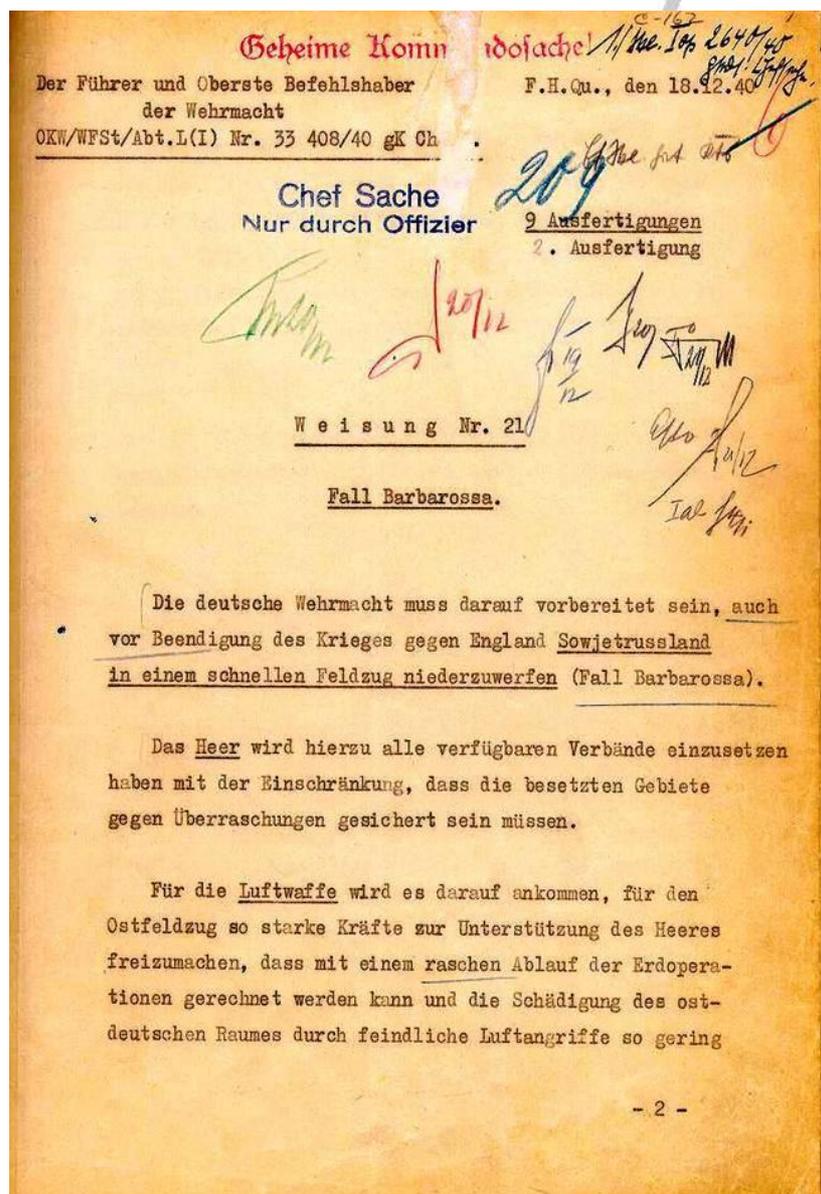
Contudo, neste reaproveitamento do medievo pouco se encontra dos Hohenstaufen. De certa forma, os ideólogos nacional-socialistas reviveram a controvérsia entre Heinrich von Sybel e Julius von Ficker, da década de 1860 sobre o *Stauferzeit*: Sybel acreditava que os envolvimento italianos dos Hohenstaufen, iniciados em larga escala pelo *Barbarossa*, haviam desviado recursos e energia de um esforço de unificação da Alemanha no medievo, causando a situação de fragmentação política que caracterizou as terras germânicas até 1871. Nisso foi contraditado por Ficker, que acreditava no valor de um império multirracial que deveria integrar a *Mitteleuropa*. Suas concepções divergentes de Alemanha (*Kleindeutsch* e *Großdeutsch*) estavam mais preocupadas com a grande política imperial e apenas “implícita e indiretamente com o medievo”, conforme bem notado por Len Scales.⁶¹

É ilusoriamente paradoxal que o Nacional-Socialismo louvasse a concepção contrária aos esforços políticos dos Hohenstaufen, segundo a perspectiva *Kleindeutsch* de Sybel e, simultaneamente, buscasse uma expansão territorial desenfreada: seu novo *Reich* não seria inclusivo como o *Reich* medieval que admitiu um imperador “italiano”

⁶⁰ KERSTEN, Felix. *The Kersten Memoirs: 1940-1945*. New York: Macmillan, 1957, p. 238.

⁶¹ SCALES, Len. *The Shaping of German Identity – Authority and Crisis, 1245-1414*. Cambridge: CUP, 2012, p. 43.

– Frederico II – ou uma dinastia tcheca de origem francesa, os Luxemburgo. Seria o Reich dos alemães puros. E é neste momento que o mito *Barbarossa* foi utilizado pela última vez: a *Unternehmen Barbarossa* de 1941. Como descrito no documento, a seguir reproduzido, tratava-se de uma tentativa de “derrubar a Rússia soviética em uma campanha rápida” (“*Sowjetrusland in einem schnellen Feldzug niederzuwerfen*”).



(Disponível em

http://www.1000dokumente.de/index.html?c=dokument_de&dokument=0009_bar&object=facsimile&st=&l=de)

A relação do imperador com a empreitada nazista poderia ser compreendida no âmbito do movimento cruzado medieval. Hitler estaria imbuído do ideal de conquista. Todavia, como asseverado por Münkler, tal explicação é pouco plausível, visto que era

de conhecimento do *Führer* que a cruzada de *Barbarossa* fracassara, além de não ter sido dirigida contra os Eslavos e sim para o Mediterrâneo (teria sido uma tentativa de desviar atenções indesejadas, já que a Alemanha conduzia simultaneamente uma campanha na África do Norte, em direção ao Oriente Médio?). Münkler, por sua vez, compreende que uma possível interpretação para a mudança de nome proposta por Hitler (de *Unternehmen Fritz* para *Fall Barbarossa*) residiria “no medo obsessivo perante a desunião e rixa interna”.⁶² Com o fracasso completo da missão, o mito político *Barbarossa* foi calado, perdendo toda a sua relevância.

5. Considerações Finais

Entre o falecimento de Frederico I *Barbarossa* em 1190 e o pleno vigor de sua figura como fulcro do mito político do *Kaiserreich* em 1890, podemos observar o longo percurso através do qual esta morte foi mitificada, recebendo camada após camada de significados que, no século XIX alcançaram a sua configuração definitiva: o Imperador que retornará para restaurar a glória do Império Alemão, despida de suas características medievais e modernas (a associação com Frederico II, a tarefa de iniciar o Fim dos Tempos, a conexão com grupos heréticos e as demandas por justiça social).

O elemento mítico foi retomado no século XIX numa consciente manipulação do imaginário para a criação de um símbolo de união nacional: *Barbarossa* incorporava, assim, uma Alemanha adormecida, que precisava despertar de um longo sono. Tanto para expulsar os invasores franceses quanto para refundir em unidade seus desunidos estados. Assim, quando da unificação bismarckiana do novo Império Alemão, o mito foi tornado realidade, por intermédio de Wilhelm *Barbablanca*, hipóstase do *Barbarossa*.

Destarte, podemos concluir que as representações tardias em torno da figura do imperador Frederico I criaram uma máquina ideológica e política efetiva que buscou sua afirmação através de diversas formas culturais. Tais remitificações possibilitaram a politização do mito e a utilização deste no âmbito de lógicas e mecanismos de poder que intentaram legitimar a dominação de um determinado discurso sobre outro. As análises aqui propostas das releituras acerca do mito *Barbarossa* permitem, portanto, visualizar que deslocadas de seu significado originário tais mitificações foram ressimbolizadas servindo a um discurso político que pretendia se afirmar em cima de outros vigentes.

⁶² “in der obsessiven Furcht vor Uneinigkeit und Zwist im Inneren”, MÜNKLER, 2011, p. 67.